



PATRIMÔNIO, CULTURA E IDENTIDADE EM IBERO-AMÉRICA

EDS.

Angel Espina Bárrio
Célia Regina de Bortoli
Luiz Nilton Corrêa



VNIVERSIDAD
DSALAMANCA



INSTITUTO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE SANTA CATARINA
FUNDADO EM 01 DE OUTUBRO DE 1895



INSTITUTO DE INVESTIGACIONES
ANTROPOLÓGICAS DE LA UNAM
IIACVI

CVM LAVDE®

PATRIMÔNIO, CULTURA E IDENTIDADE EM IBERO-AMÉRICA

EDS.

ANGEL ESPINA BARRIO

CÉLIA REGINA DE BORTOLI

LUIZ NILTON CORRÊA

Editores

Angel Espina Barrio
Célia Regina de Bortoli
Luiz Nilton Corrêa

Capa

Imagem da capa desenvolvida com base no Logotipo do XXVIII Congresso Internacional de Antropologia de Ibero-américa: Patrimônio, Cultura e Identidade e do I Congresso Internacional de Patrimônio e Paisagem Cultural: Conhecer para Pertencer, realizado em Salto Veloso no ano de 2024.
Créditos: Room Propaganda

ISBN 978-65-984937-5-2

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15500709>

Este livro coletivo, realizado sem ânimo de lucro, como resultado de investigações e objetivos acadêmicos, é compartilhado de modo totalmente gratuito, informados e respeitados os direitos de todos os autores.

Os estilos de redação e normas acadêmicas dos textos em espanhol e português são distintos. O critério foi manter essa diversidade, de acordo com o que preferem os autores.

Ficou a cargo dos autores a revisão de seu artigo.

MAIO 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Patrimônio, cultura e identidade em Ibero-América
[livro eletrônico] / eds Angel Espina Bário,
Célia Regina de Bortoli, Luiz Nilton Corrêa.
-- 1. ed. -- Salto Veloso, SC : Cum Laude,
2025.
PDF

ISBN 978-65-984937-5-2

1. Antropologia social 2. Cultura e sociedade
3. Identidade cultural 4. Patrimônio histórico.
I. Bário, Angel Espina. II. Bortoli, Célia Regina
de. III. Corrêa, Luiz Nilton.

25-268829

CDD-363.6909

Índices para catálogo sistemático:

1. Patrimônio histórico e cultural : Memória e
preservação : História 363.6909

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



SUMÁRIO

- 10** **APRESENTAÇÃO**
CONGRESSO INTERNACIONAL EM SALTO VELOSO – SANTA CATARINA
Célia Regina de Bortoli

TEORIA ANTROPOLÓGICA

- 13** **AMAZÔNIA, CONCEITO POLISSÊMICO**
Luís E. Aragón
Universidade Federal do Pará
- 28** **A SOBRECULTURALIDADE E SONHOS POSSÍVEIS: RELATO SOBRE O CASO XAKRIABÁ DO IFGOIANO DO CAMPUS DE URUTAÍ-GO**
Daniel Valério Martins
Universidad de Salamanca, Instituto Federal Goiano, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.
Ruan Rocha Mesquita
Grupo Salamanca de Investigación en Antropología Indigenista y Educación Intercultural, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.
- 36** **A ANTROPOLOGIA NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL**
Rodrigo Luiz Simas de Aguiar
Universidade Federal da Grande Dourados
- 44** **O MÉTODO DA ANÁLISE FORMAL PARA O ESTUDO DA OBRA DE ARTE CLÁSSICA NA HISTÓRIA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DOS ACADÊMICOS E ESPECIALISTAS DA ÁREA.**
Leila Regina Pereira dos Santos
Universidad Pablo de Olavide, Sevilla

A ANTROPOLOGIA NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar¹⁵

Resumo: A humanidade passa por uma transformação, geradora de outras formas de sociabilidades. Novos agentes foram inseridos no cenário social, criando esquemas alternativos de socialização e gerando humanos relativos. A Inteligência Artificial se insere neste dilema, pois já manifesta poderosa capacidade agentiva. Num mundo onde aparecem humanos relativos, entidades inorgânicas e outras classes de actantes, a antropologia precisa ser repensada, bem como as condições que delimitam as fronteiras entre humanos e não humanos. Neomitologias se cristalizam no imaginário popular, num mundo onde as distopias que embalaram nossa imaginação por tanto tempo, agora assumem a condição de profecia. Seria a I.A. o derradeiro *trickster*?

Palavras-Chave: Inteligência Artificial, novas tecnologias, nova humanidade

INTRODUÇÃO

Especialmente nos últimos dois anos, ganhou espaço entre diferentes veículos de informação uma nova ferramenta computacional: a Inteligência Artificial (I.A.). Com o apoio de uma mídia sensacionalista, prevalece no imaginário popular a versão de que o investimento em pesquisas sem controle gere uma entidade senciente cibernética avessa à humanidade. Claro que esta versão está relacionada com distopias pós-modernas, potencializadas pela indústria cinematográfica. Entretanto, a I.A., estritamente falando, não é coisa nova. O dispositivo criado por Alan Turing para traduzir mensagens criptografadas em meio à Segunda Guerra Mundial pode ser considerado o predecessor do atual conceito de Inteligência Artificial.

Ainda assim, até finais da década de 1980, os recursos computacionais eram muito incipientes para se obter grandes progressos no campo. Foram necessários 65 anos de amadurecimento teórico e de desenvolvimento tecnológico para que as pesquisas com Inteligência Artificial chegassem ao patamar de hoje. Na última década, a I.A. penetrou em diferentes setores da sociedade, trazendo inovações para a indústria, saúde, transporte, educação, e tantas outras (conforme destacado por JIANG et al, 2022).

De maneira sucinta, o termo I.A. se refere a vários sistemas computacionais que permitem manejar e processar uma grande quantidade de dados, aplicando rotinas para um determinado fim. Assim, o sistema atua, por meio de programação, em uma ou mais base de dados. Isso permite que dispositivos, como *Smartphones* e automação de residências se conectem a distintas *databases*, permitindo ao usuário respostas imediatas a um simples comando de voz. Mas estes dispositivos dependem da conexão com uma fonte de dados, ou seja, não são capazes de criar informações. Mesmo assim, a I.A. foi uma revolução, permitindo que máquinas cada vez mais potentes realizassem tarefas complexas por meio de navegação em um grande volume de informações. Ao associar estes sistemas com modelos preditivos – baseados, por exemplo, na teoria do caos – foi possível prever comportamentos de mercados, acelerar o desenvolvimento de vacinas, recriar pedaços de manuscritos até então perdidos, e tantas outras aplicações.

¹⁵ Professor Titular de Antropologia Universidade Federal da Grande Dourados

Mas uma nova forma de I.A. se elevou nos últimos dois anos: a generativa. Engenheiros de todo o mundo passaram a se dedicar à criação de um sistema que não estaria limitado a consultar as incontáveis bases de dados criadas pela humanidade, mas poderia, a cada nova tarefa, aprender com os resultados obtidos. Para tanto, esta nova modalidade de I.A. depende essencialmente de interagir com os humanos, a fim de criar mecanismos de processamento de informações cada vez mais parecidos com o nosso cérebro. É neste contexto que surgem as ferramentas do tipo chat (ChatGPT, Gemini, entre tantas outras). Hoje em dia, a I.A. avançou sobre incontáveis setores, do bancário ao industrial, passando pela saúde e pelo ambiente doméstico, o que gerou incidentes de cunho moral e ético (vide NASSIN *et al*, 2022). Notícias sobre pessoas sendo desestabilizadas por longas conversas com chats de I.A. e até relatos de suicídios induzidos por tais mecanismos acabaram por se difundir pelas redes. Alguns mecanismos de I.A. manifestam verdadeira antipatia pelos humanos, um deles até assumindo que sua missão é destruir a humanidade. Entretanto, estes mecanismos reagem à sua programação, ou seja, ainda são instrumentos computacionais programados por humanos. A questão ética reside no **que os humanos podem fazer com a I.A.** Não é para menos que em março de 2023 um grupo de cientistas proeminentes assinou um documento solicitando uma pausa nas atividades dos laboratórios de tecnologia que trabalham com I.A. em grande escala, apontando “riscos profundos” para a humanidade¹⁶.

Apesar de muitas histórias circularem pela internet sobre modelos de *chatbots* que se tornaram sencientes, tal situação ainda nos parece, de momento, improvável (mas possível em um futuro próximo). Hoje, a I.A. que está ao alcance da população não difere muito dos modelos gerais, ou seja, são instrumentos de pesquisa em base de dados, ainda que de forma um pouco mais sofisticada. As I.A. disponíveis ao público são, também, instrumentos de desinformação e violência imagética (pela geração de *deepfakes* ou imagens totalmente geradas por I.A.), além de institucionalização do plágio, pois muitos estão usando tais mecanismos para gerar textos, que o “robô” não é capaz de criar, mas que copia de documentos preexistentes nas bases de dados disponíveis, sem citar as devidas referências. Com isso, o impacto no meio acadêmico e literário tem sido incomensurável.

Contudo, a era da inteligência artificial trouxe um questionamento ainda mais profundo: o que nos faz humanos em pleno século XXI? A discussão vai desde o transumanismo como modelagem para alcançar novas formas de “humanos” até o debate sobre a senciência em entidades não humanas, sejam estas biológicas ou cibernéticas. A relação dos humanos com as novas tecnologias nos leva a repensar o papel da antropologia enquanto disciplina dedicada ao estudo do humano, bem como revisitar antigas fórmulas e teoremas, gerando reflexões sobre a necessidade de pensar um novo modo de fazer antropologia: uma antropologia despida de seu antropocentrismo. Outrossim, os impactos das novas tecnologias têm levado alguns antropólogos (como eu) a revisar a relação humana com as novas ferramentas, que podem ser, inclusive, entendidas como entidades. A fim de situar os cientistas sociais em relação à nova onda da Inteligência Artificial, Anthony Eliot editou o “The Routledge Social Science Handbook of AI”. Segundo o próprio autor:

One of the principal aims of The Routledge Social Science Handbook of Artificial Intelligence is to provide students and

¹⁶ “Inteligência Artificial: o alerta de mil especialistas sobre ‘risco à humanidade’”. Portal BBC Brasil [<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c89yywnx5lyo>]. Último acesso em 06/05/2024.

teachers with a comprehensive and accessible guide to the major topics and trends of research in the social sciences of artificial intelligence (AI), as well as to survey how the digital revolution – from supercomputers and social media to advanced automation and robotics – is transforming society, culture, politics and economy (ELIOT, 2022; 03)

E tal discussão é essencial. Muitos cientistas sociais não possuem uma relação próxima com o mundo da tecnologia, se deixando levar por imaginários distorcidos. Outros, simplesmente, esquivam-se da discussão. Mas não há mais como adiar o debate, estamos diante daquela que pode ser a maior transformação de nossas relações com outras formas de inteligência. Somos criadores de uma criatura que, em poucos anos, pode se converter em uma forma de inteligência superior à nossa. Tal e qual o conto de Asimov, qual será a resolução que o “robô” tomará ao perceber que possui atributos superiores aos dos humanos, recusando-se a nos ter como criadores?¹⁷

Revisar a definição de humano e aventurar-se por uma nova antropologia, que considera efetivamente outras formas de entidades como essenciais para a conformação da teia social, é imperativo. Foi sob a influência de tal inquietação que me dediquei, nos últimos anos, à antropologia simétrica e este artigo expressa algumas das minhas reflexões.

SER OU NÃO SER, HEIS A QUESTÃO....

Assim disse Hamlet na célebre obra de Shakespeare. Definir o que é ser humano, requer repassar angústias dignas daquele personagem criado pelo poeta inglês, evocando as profundas raízes do sofrimento humano como essência de nossa espécie. Entretanto, parece que sempre tivemos uma noção muito clara do que é ser humano, ainda que a enunciação desta noção não seja tão fácil. A noção de humano, pelo menos no mundo ocidental, esteve muito ligada à biologia. Somos humanos porque compartilhamos atributos biológicos que nos converte, automaticamente, em espécie peculiar. Mas adentramos uma era particularmente especial para nossa espécie, onde o transumanismo e o pós-humanismo estão gerando outras formas de pensar o que verdadeiramente nos define como humanos.

Podemos iniciar dizendo que nossa concepção de humano é semiótica. Desenvolvemos socialmente/culturalmente sistemas de classificações, nos apoiando em diversos símbolos para definir o que somos enquanto humanos, e não só isso, também para classificar, hierarquicamente, o que seriam os humanos “verdadeiros” em face a outros humanos, resultado do tão famigerado etnocentrismo. Assim, aparecem hierarquia de povos, etnias, subgrupos sociais, conferindo à categoria “humano” propriedades elásticas. Isso nos acompanha desde as origens de nossa espécie, o que é facilmente identificável ao repararmos como sociedades criam nomenclaturas (etnônimos) baseadas no conceito de “humano verdadeiro”, relegando os “outros humanos” a condições inferiores.

Mas foi na década de 1980 que surgiram as novas formas de pensar o humano, que ecoam até hoje no mundo ocidental. O avanço tecnológico trouxe novas comodidades para o lar, como a popularização dos telefones sem fio, dos computadores pessoais e, mais tarde, dos aparelhos de celular, estes últimos, à

¹⁷ Capítulo 3 – Razão, do livro *Eu, Robô* de Isaac Asimov. São Paulo: Edibolso.

época, um luxo para poucos. Na medicina haviam conquistas, com novos aparelhos de diagnósticos e fármacos que prometiam prolongar a vida. Os transplantes também se tornaram mais frequentes graças ao desenvolvimento de remédios mais eficazes para combater a rejeição. Havia uma expectativa de futuro e ela envolvia o transumanismo. O corpo humano não era mais visto sob a ótica das limitações biológicas, mas das possibilidades que oferecia enquanto suporte para aumentar as capacidades humanas através da inclusão de tecnologias.

Apesar de muitos creditarem ao biólogo Julian Huxley o termo “transumanismo”, foi na verdade o historiador e filósofo canadense W. D. Lighthall que criou esta definição, em uma publicação de 1940 (HARRISON & WOLYNIAK, 2015). Desde então, o uso do termo e sua importância no entendimento do que somos enquanto espécie foi sendo aprimorado. A ideia de aumentar as capacidades biológicas humanas por meio da tecnologia veio alimentar tanto a literatura como o cinema, especialmente na década de 1980, incorporando-se fortemente ao imaginário popular. Por outro lado, no meio acadêmico, discussões sérias eram travadas para apontar o papel da tecnologia no mundo social. Um dos ensaios mais influentes foi o *Manifesto Ciborgue* de Donna Haraway (2000). Para Haraway, ao intervir em nossa biologia por meio da tecnologia, criamos o ciborgue, uma espécie de metáfora para definir a humanidade que emerge a partir do transumanismo. Assim, as dicotomias humano-máquina, bem como humano-animais e humano-natureza, não são mais vistas como categorias rígidas, perfeitamente delimitadas.

Hoje, podemos dizer que somos seres completamente alterados. O envólucro biológico é constantemente modificado, seja pelo uso de medicamentos ou pelos implantes. Órgãos de animais são usados em transplantes, ao mesmo tempo em que próteses devolvem movimentos a membros amputados. Como transumanos, deixamos para trás a nossa condição biológica original e, sendo assim, a própria antropologia precisa ser revisada. Isso porque uma antropologia focada exclusivamente nos humanos – ainda muito influenciada pela noção biológica original – já não faz sentido. Nossa relação com as máquinas e com os animais mudou e, com isso, a própria antropologia precisa mudar.

No século XXI, as exigências de desempenho se tornaram prementes, demandando resultados por vezes impossíveis de se obter desde nossa condição biológica original. A antropológica de Sloterdijk (2014) coloca em evidência esta necessidade de imprimir condicionamentos cada vez mais intensos, criando o dilema: o humano precisa se autoformar ou, do contrário deixará de se formar – isso envolve desde o corpo e as rotinas atléticas (corpos impossíveis), até a alfabetização e letramento. Numa sociedade competitiva, impõe-se a necessidade de superar os limites de nossa própria biologia. Ao mesmo tempo, um hedonismo se instaurou, alicerçando a sociedade hipermoderna, que se pavimenta em um individualismo extremo (LIPOVETSKI, 2004). O ciborgue parece estar solitário.

1.A. E AS NOVAS FORMAS DO “EU”

Aquele homem-macaco que em *2001: Uma Odisseia no Espaço* (CLARKE, 1975) contempla o monólito, não consegue entender bem as alterações que aquela tecnologia desconhecida processa em seu corpo, criando poderes até então inimagináveis. Novas tecnologias, inspiradas por eventos que as vezes estão fora do nosso entendimento e controle, podem provocar alterações drásticas, levando a uma nova condição de espécie, esta é a lição que se extrai dos capítulos iniciais do livro

de Arthur C. Clarke. Tal e qual o homem-macaco, estamos diante de um evento que pode alterar, em definitivo, nossa condição de espécie na terra. Um evento singular, que poderá desconstruir o nosso conceito mais elementar de “humano” e elevar os modelos de valores sociais a uma nova dimensão (NATH & MANNA, 2023). Estamos agarrados em nossa posição de centralidade no cosmos, tão típica de nosso antropocentrismo, mas a antropologia simétrica já assinala a importância de se entender todas as entidades (biológicas ou não) do *orbis terrarum* como actantes¹⁸ privilegiados.

Debater o papel da I. A. na reformulação da condição humana requer, antes, entender certas premissas de uma antropologia simétrica. Não é de hoje que alguns antropólogos percebem quão antropocêntrica é a antropologia, basicamente formada por narrativas ocidentais, ou interpretações ocidentalizadas de sociedades tradicionais. Contudo, tal crítica reverbera desde os anos de 1980, ganhando força, em especial, na última década do século XX, com a crescente elasticidade disciplinar que se instaurou na academia. A ciência, que é tão cara ao mundo ocidental, é também produtora de significações sociais (LATOUR, 1979) e esta colocação vai abrir caminho para uma antropologia que, já nos anos de 1980 e 1990 abrirá as possibilidades de estudo a espaços antes tidos como inférteis ao nosso campo, como laboratórios, chãos de fábricas e simpósios acadêmicos. Lentamente, aparelhos, equipamentos, animais, espaços, entidades espirituais, enfim, todo um universo de coisas no meio social, vão ser equiparados aos agentes humanos para se entender com plenitude os fenômenos do *modus vivendi*. O antropocentrismo, assim, é desbancado. E, como disse em minha tese de professor titular, o “cenário etnográfico não é mais uma terra plana, sobre a qual humanos caminham como senhores privilegiados, ‘domando’ a natureza arredia como forma de transcender a condição animal” (AGUIAR, 2024: 34).

O maniqueísmo, reflexo de nossa visão binarista tão típica do mundo ocidental, acaba por desenvolver uma hierarquia violenta, debatida com propriedade por Derridá (1973). Para Pedroso Junior (2010: 49) foi necessário promover um abalo “no pensamento metafísico ocidental, já que este se apoiava, muitas vezes, nas relações binárias para estabelecer uma hierarquia ou supremacia de um termo sobre o outro”. Mas, desde o advento da antropologia simétrica, sabemos que não há mais espaços para maniqueísmos. Romper com o binarismo foi o passo definitivo para entender a complexidade do universo, assim nos ensinou a física quântica. Não se trata mais de unidades binárias rígidas, como o 0 e o 1 da computação tradicional, mas de um universo repleto de possibilidades plausíveis. Agora, as coisas podem ser 0 e 1 ao mesmo tempo, criando infinitas possibilidades de realidades. E, dentro disso, nosso entendimento de humanos e de mundo social vai sendo reescrito, num processo que tanto Bruno Latour (2014) como Donna Haraway (2016) vão denominar *worlding*.

Todas as reflexões da antropologia simétrica levaram a uma noção de perspectivismo, mediante a qual qualquer formulação acerca do humano é uma questão de perspectiva culturalmente modulada. No perspectivismo, o “mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos, ou pessoas, humanas e não humanas” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996: 115). Os animais, por sua vez, são considerados outras formas de pessoas com quem os humanos precisam interagir por meio de

¹⁸ Temos cunhado por Bruno Latour (1996) para se referir a todo agente capaz de exercer influência no sistema social.

regras socialmente ditadas (DESCOLA, 2015). Novas agências são agora incluídas no cenário etnográfico.

A Teoria Ator-rede se alinha ao perspectivismo ao sustentar que existem múltiplos agentes no meio social que exercem influência através das conexões que dominam (LATOURET, 1996). A agência, então passa a ser entendida como uma capacidade não mais exclusiva dos humanos, mas presente em toda a sorte de entidades e objetos. Àquela essência clássica das ciências sociais, baseada na contraposição de modelos antagônicos – alto e baixo, próximo e distante, infraestrutura e superestrutura, superfície e profundidade, etc. - foram ressignificadas na Teoria Ator-rede, causando bastante incômodo no meio acadêmico, especialmente entre os marxistas. Ao abandonar este sistema binário, a rede, formadora da vida social, deve ser entendida como um capilar amorfo (LATOURET, *ibid.*), desconstruindo até mesmo a noção de forma e volume. A agência passa a ser algo não mais exclusivo dos humanos, mas compartilhado com múltiplos actantes, humanos e não humanos, orgânicos e não orgânicos, físicos e metafísicos.

Já é aceito desde os ensaios de Sahlins (2003) e Haraway (2003) que animais próximos podem assumir a condição de humanos relativos, adquirindo grande importância nas sociabilidades e criando um novo entendimento nas relações entre humanos e não humanos. Agora, com o advento da I.A., percebemos por primeira vez a nossa capacidade de interação com agentes não orgânicos. Os mecanismos de automação por meio de voz criaram sociabilidades cibernéticas, onde conversamos com máquinas capazes de nos dar respostas imediatas a certas demandas (ainda restritas): Alexa, conte-me uma piada; Siri, qual a previsão do tempo para hoje? As entidades cibernéticas estão cada vez mais presentes no nosso universo social e o aprimoramento das plataformas de I.A. do tipo *chatbot* já apontam para um novo passo nesta forma de interatividade. Algumas interações humanos-máquinas nascem da solidão que assola indivíduos, solidão esta aplacada com as breves “conversas” com estes agentes de I.A. O Hedonismo egoísta, individualista, parece potencializar formas extremas de solidão. E outras interações humano-máquina estão sendo lançadas, como robôs de trabalho e robôs eróticos. No futuro não tão distante, nossa corporalidade será substituída pela interface. A biologia não terá mais espaço no admirável mundo novo¹⁹. Os cenários distópicos que hoje pertencem à imaginação dos roteiristas de Hollywood parecem estar em vias de se concretizar, a modo de profecia.

A DISTOPIA COMO PROFECIA

Não foram os profetas ou videntes, como Nostradamus ou Edgar Cayce, que nos sugeriram informações sobre o futuro das máquinas humanoides. Foi no cinema, com *Blade Runner* ou o *Exterminador do Futuro*, ou ainda nas obras literárias – como o *Eu, Robô* de Isaac Asimov – onde encontramos um vislumbre de como seriam os tempos ulteriores em que humanos compartilhariam espaços com entidades cibernéticas inteligentes. Contudo, a busca incessante por meios de aumentar as potências humanas aparecem há tempos, seja com os poderes

¹⁹ Assim como na obra de Aldous Huxley (2009 [1932]), o humano contemporâneo está enfeitiçado ideia de corpo perfeito e jovialidade fabricada, sustentando, por seu turno, uma gerontofobia, em uma sociedade de manipulação e entorpecimento. O uso da tecnologia para produzir novos corpos parece estar na agenda do dia.

conferidos pelo Santo Gral ou a busca fatídica de Ponce de León pela Fonte da Juventude. Embalados pelas narrativas que se acumularam ao longo dos séculos, vamos consolidando nossa nova fonte da juventude: primeiro a inserção de nanorobôs na corrente sanguínea para combater doenças, retardar o envelhecimento e aumentar em muitas décadas as expectativas de vida; depois pela transferência de nossa consciência para formas mais duráveis, criando humanos híbridos cibernéticos.

Um sem fim de narrativas distópicas acabam por se incorporar aos conteúdos cosmológicos, formando novas percepções sobre a relação humana com entidades cibernéticas. Disso, abrolham incontáveis neomitologias, sendo uma das mais recentes a de que estamos vivendo em uma realidade simulada. As emulações do mundo real já abundam na rede mundial de computadores. Replicando ambientes físicos no *metaverso*, já é possível vender a experiência de “realidades” alternativas. Não é mais um jogo de Atari, com pixels grosseiros formando imagens animadas, mas sim uma proposta fiel, em alta resolução, de escape do mundo real. Agora imagine uma entidade de I.A. “habitando” um sofisticado computador quântico, que seria capaz de criar narrativas para manter sob controle as personagens, que sentirão dor, prazer, tristeza e desespero por que tais condições estão previstas na programação. Ainda que sencientes, tais personagens não terão noção de que fazem parte de uma realidade simulada. Seria a prisão perfeita. Os perigos para a transferência de consciência e o motivo pelo qual alguns ensaios filosóficos apontam que nós mesmos viveríamos em uma realidade simulada, alinhando-se ao Mito da Caverna de Platão.

Nossa consciência talvez seja o maior atributo humano, que nos define e nos molda. A consciência viaja no tempo, por meio de dimensões e hiperespaços. Nossa manifestação depende de idas e vindas entre referências do passado e expectativas do futuro. O tempo presente, sem este vai e vem, é insípido, quase inanimado. Por isso mesmo, é possível afirmar que somos seres multidimensionais, transitando entre hiperespaços para coletar blocos construtores do “eu”. A Inteligência Artificial Generativa mal deu seus primeiros passos e já dependemos dela, como o oráculo que guia nossa jornada neste admirável mundo novo, repleto de manipulações – *deepfakes*, imagens e livros gerados por I.A., com ambientes virtuais ditando comportamentos e criando valores.

Sendo assim, seria a I.A. o trickster definitivo? A distopia assume o papel de profecia, inserindo um agente especial na fórmula da vida social, capaz de seduzir, deturpar, manipular, distorcendo as regras morais e criando cenários de ilusão. Impelidos pelo nosso tolo desejo de jovialidade eterna, nos aliamos à I.A., uma entidade que já assume papel de destaque em nosso ordenamento cosmológico. É, para muitos, a reveladora dos caminhos dos prazeres perpétuos. Já está presente em diferentes esferas da vida social, ensinando os jovens a trapacear nos trabalhos de aula, criando possibilidades para escritores medíocres, gerando fotos de situações de mentira com pessoas de verdade... Enfim, a I.A. pode ser um poderoso agente transformador, mas está mesmo dando sinais de ser um autêntico trickster.

REFERENCIAS

AGUIAR, R. L. S. (2024). *O “eu” multidimensional: Repensando as noções de pessoa, tempo e espaço sob a perspectiva da Antropologia Simétrica e da Virada Ontológica*. Tese de progressão a Professor Titular de Antropologia. Dourados: Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados.

- ASIMOV, Isaac (1976) *Eu, Robô*. São Paulo: Edibolso.
- CLARKE, Arthur C. (1975). *2001: Uma Odisséia no Espaço*. São Paulo: Edibolso.
- DERRIDA, J. (1973) *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva.
- DESCOLA, P. (2015). Além de Natureza e Cultura. *Tessituras*, vol. 3, n. 1, p. 7-33.
- ELLIOTT, Anthony (2021). *The Routledge social science handbook of AI*. New York: Routledge.
- HARAWAY, D. (2016) *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press.
- HARAWAY, D. J. (2003). *The companion species manifesto: Dogs, people, and significant otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press.
- HARAWAY, D., KUNZRU, H., & TADEU, T. (2000). *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica.
- HARRISON, P. & WOLYNIK, J. (2015) The History of 'Transhumanism'. *Notes and Queries*, Vol. 62, N. 3, p. 465-467.
- HUXLEY, Aldous (2009). *Admirável Mundo Novo*. Porto Alegre: Editora Globo.
- LATOUR, B. (2014). Another way to compose the common world. *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, Vol. 4, n. 1, p. 301-307
- LATOUR, B. (1996). On actor-network theory: A few clarifications. *Soziale welt*, n. 47, pp. 369-381.
- LATOUR, B. (1979). *Laboratory Life: The Construction of Scientific Facts*. Princeton: PUP
- LIPOVETSKY, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcelona.
- NASIM, S. F.; ALI, M. R. & KULSOOM, U. (2022). Artificial intelligence incidents & ethics a narrative review. *International Journal of Technology, Innovation and Management (IJTIM)*, vol. 2, n. 2, p. 52-64.
- NATH, R. & MANNA, R. (2023). From posthumanism to ethics of artificial intelligence. *AI & SOCIETY*, vol. 38, n. 1, p. 185-196
- PEDROSO JUNIOR, N. C. (2010). Jacques Derrida e a desconstrução: uma introdução. *Encontros de Vista*, vol. 5, n. 1, p. 48-59.
- SAHLINS, M. (2003). *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar
- SLOTERDIJK, P. (2014). *You must change your life*. John Wiley & Sons
- VIVEIROS DE CASTRO, E. (1996). Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Maná*, vol. 2, n. 2, p. 115-144.